



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Marchioro Stumpf, Elisa

Uma proposta enunciativa para o tratamento da metalinguagem na aquisição da linguagem

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 33, núm. 2, 2011, pp. 271-280

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426648011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Uma proposta enunciativa para o tratamento da metalinguagem na aquisição da linguagem

Elisa Marchioro Stumpf

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Bento Gonçalves, 9500, 91501-970, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: elisa.stumpf@gmail.com

RESUMO. Neste artigo, propomos uma concepção enunciativa de metalinguagem, baseada na teoria de Émile Benveniste, e deslocamentos teóricos para utilizar tal concepção a fim de explicar dados de aquisição da linguagem. Para tanto, traçamos um breve panorama sobre pesquisas a respeito da metalinguagem na aquisição da linguagem, que apontou para a falta de uma abordagem enunciativa para essa questão. A partir disso, formulamos o que se entende por metalinguagem no pensamento benvenistiano. Realizamos uma leitura dos *Problemas de Linguística Geral I e II* a fim de buscar trechos que nos permitissem inferir como Benveniste entende a questão da metalinguagem. Também apresentamos o deslocamento feito para entender a metalinguagem na aquisição da linguagem, entendendo este último fenômeno a partir de uma perspectiva enunciativa. Por fim, explicitamos a metodologia enunciativa empregada no estudo (coleta naturalista e longitudinal) e trazemos a análise de alguns dados, que ilustram modos pelos quais a criança emprega mecanismos metalinguísticos no seu discurso.

Palavras-chave: enunciação, aquisição da linguagem, metalinguagem.

ABSTRACT. An enunciative proposal for the treatment of metalanguage on language acquisition. This article proposes an enunciative view of metalanguage, based on Émile Benveniste's theory and some theoretical shifts made in order to use this notion to explain data from language acquisition. For this purpose, the article outlines a brief overview on research about metalanguage on language acquisition, which revealed the lack of an enunciative approach to this question. After that, it was possible to develop a notion of metalanguage within Benveniste's work. A reading of *Problems of General Linguistics I and II* was made in order to look for clues that allowed an inference on how the author understands this issue. It is also presented the theoretical shift made so as to understand metalanguage during the language acquisition process, based on an enunciative perspective on language acquisition. Finally, the enunciative methodology used in this study (naturalistic and longitudinal) is considered and data is analyzed in order to illustrate some of the ways that the child uses metalinguistic mechanisms in their discourse.

Keywords: enunciation, language acquisition, metalanguage.

Introdução

Estudos sobre consciência ou capacidade metalinguística de crianças em fase de aquisição da linguagem têm sido realizados desde o surgimento e intensificação de pesquisas sobre como as crianças aprendem sua língua materna. Comprovam o interesse pelo assunto os estudos de Van Kleeck (1980), Karmiloff-Smith (1986, 1998), Pratt e Grieve (1984) e Tunmer e Herriman (1984), entre outros. A maioria desses estudos, entretanto, preocupa-se em tomar a fala da criança como indício para compreender o funcionamento cognitivo da mesma, e não se ocupa com uma descrição linguística dos enunciados. Constatada essa questão, foi de nosso interesse estudar a possibilidade de descrever e explicar fenômenos metalinguísticos

presentes na fala de uma criança em fase de aquisição da linguagem desde uma perspectiva enunciativa ancorada na teoria de Émile Benveniste.

Neste artigo, pretendemos expor uma síntese de nossa dissertação de mestrado intitulada “Uma proposta enunciativa para o tratamento da metalinguagem na aquisição da linguagem”. Tal trabalho buscou relacionar os campos da aquisição da linguagem e da linguística da enunciação a fim de oferecer uma explicação enunciativa para a questão da metalinguagem na aquisição da linguagem.

Em primeiro lugar, trazemos, de forma sucinta, uma pesquisa bibliográfica sobre metalinguagem na aquisição da linguagem, que apontou para a falta de uma abordagem enunciativa para essa questão. Nesta parte, são revisitadas algumas teorias de orientação

cognitivista (KARMILOFF-SMITH, 1986, 1998; VAN KLEECK, 1980); as indicações da obra chomskiana relativas à questão do conhecimento do falante sobre sua língua (LIER-DEVITTO; FONSECA, 1997), a abordagem de Lemos (2009) e a perspectiva defendida por Figueira (2003), que estuda o fenômeno da autonímia.

Em segundo lugar, apresentamos uma leitura da obra de Benveniste, procurando mostrar como o conceito de metalinguagem pode ser compreendido nessa teoria. Daremos destaque a textos do autor que trazem indicações a respeito da metalinguagem, questão recorrente no trabalho do autor ao tratar da significação da língua. A partir disso, procuramos formular como se pode entender a metalinguagem na obra de Benveniste.

Em terceiro lugar, procuramos explicar os deslocamentos que são feitos, a partir da formulação enunciativa de metalinguagem, para dar conta de tal fenômeno na aquisição da linguagem. Por fim, trazemos a discussão sobre a metodologia do estudo e as análises, que são discutidas na conclusão.

Pressupostos teóricos

Como dito anteriormente, apresentamos abaixo os principais estudos que sustentaram nosso trabalho. Primeiramente, trazemos os estudos que relacionam a aquisição da linguagem e a metalinguagem e, posteriormente, os textos de Benveniste nos quais pudemos apoiar-nos para pensar sobre a questão da metalinguagem. Por fim, apresentamos também a concepção de metalinguagem que elaboramos a partir do quadro teórico benvenistiano e os deslocamentos que operamos para relacionar tal concepção com a aquisição da linguagem.

Metalinguagem e aquisição da linguagem

Alguns estudos de orientação cognitivista realizados nas décadas de 70 e 80 tinham o objetivo de localizar, no desenvolvimento cognitivo da criança, o surgimento de habilidades ou consciência metalinguística(s). O estudo de Van Kleeck (1980) procura dar conta do desenvolvimento cognitivo a partir da proposição de estágios de desenvolvimento pensados por Piaget. Nessa perspectiva, a linguagem é apenas um dentre vários objetos sobre os quais a criança age, estando o desenvolvimento linguístico atrelado ao desenvolvimento cognitivo. Por isso, as manifestações metalinguísticas por parte da criança são tomadas como evidência de mudanças cognitivas que, em primeiro lugar, tornam possíveis as próprias manifestações. Dentro dessa perspectiva, há preocupação em determinar a idade em que as manifestações

metalinguísticas ocorrem sistematicamente e podem ser elicitadas a partir de estudos experimentais.

Já Karmiloff-Smith (1986, 1998) tenta conciliar o ponto de vista piagetiano com as formulações de Chomsky a respeito da hipótese inatista da aquisição da linguagem e tenta explicar as manifestações metalinguísticas a partir de um modelo de redescritção representacional. Tal modelo explicita os processos de redescritção do conhecimento construído pela criança, que cada vez torna-o mais explícito até ser capaz de verbalizá-lo. É interessante notar que o seu interesse nas manifestações metalinguísticas se dá apenas pelo que elas deixam inferir sobre os processos mentais de redescritção de conhecimentos diversos. Entretanto, o fato de que essas representações possam ser verbalizadas tem impacto muito positivo no macrodesenvolvimento cognitivo. O fato de que o modelo se dá em fases, e não em etapas, permite que ele possa se aplicar a diferentes domínios e em diferentes níveis dentro de cada domínio. Nesse modelo, descarta-se a questão da idade para pensar em níveis de explicitação de conhecimento, que podem acontecer reiteradamente ao longo do desenvolvimento infantil.

Em relação à utilização dos pressupostos chomskianos em algumas pesquisas sobre consciência/capacidade metalinguística, há que se ressaltar alguns aspectos. Ao distinguir entre competência – conhecimento que o falante-ouvinte tem da sua língua – e performance – uso da língua em situações concretas, Chomsky (1975) afirma que o objetivo da gramática é descrever a competência intrínseca de tal falante-ouvinte ideal. Essa ideia, erroneamente, levou alguns pesquisadores a pensar que os falantes poderiam verbalizar seu conhecimento, o que seria entendido como consciência metalinguística. O próprio autor (CHOMSKY, 1975, p. 89) ressalva que “isto não quer dizer que ele [o falante] tenha consciência das regras da gramática ou sequer possa vir a ter consciência delas, ou que suas afirmações acerca do seu conhecimento intuitivo da língua sejam necessariamente corretas”. De acordo com Lier-De Vitto e Fonseca (1997), a proposta de Chomsky difere-se da literatura psicolinguística da década de 70, visto que para ele a capacidade “metalinguística” é prévia, fazendo com que a descoberta da linguagem obedeça a um processo governado por um saber tácito, implícito e não consciente, pois a aquisição da linguagem é algo que acontece à criança, e não algo que a criança faça.

Para Lemos (2009), a aquisição da linguagem é entendida como um processo de subjetivação no qual a criança é capturada pelo funcionamento da língua. A noção de desenvolvimento linguístico é

posta em xeque, pois, com base em uma perspectiva que entende a língua como um sistema, não se pode pensar na apreensão parcial, por etapas, desse sistema. A mudança na aquisição da linguagem deve-se não a uma evolução da criança em direção ao domínio total da língua, mas sim como uma mudança de posição em uma estrutura que comporta três polos: o outro, a língua e o próprio sujeito.

O polo dominante na primeira posição é o outro. Duas características dessa posição são: o retorno, na fala da criança, da fala da mãe e a escuta da fala da mãe que se revela na fala da criança. Na segunda posição, temos a língua ocupando o polo dominante, o que pode ser facilmente observado através do erro. A criança está alienada pelo funcionamento da língua. Isso tem a ver com o fato de que, na literatura em aquisição da linguagem, postule-se que a criança seja impermeável à correção dos erros por parte do adulto. Na terceira posição, o polo dominante é o próprio sujeito. Essa posição é caracterizada por pausas, reformulações e correções, o que é tratado, na literatura em aquisição da linguagem, como estando relacionado à capacidade metalinguística da criança. Mais importante do que escutar o adulto corrigindo-a é o fato de que a própria criança é capaz de se escutar e, mesmo que não chegue à forma certa, reconhece a discrepância entre o que diz e o que deve dizer.

Figueira (2003), valendo-se da concepção de aquisição da linguagem de Lemos (2009), utiliza-se da teoria de Authier-Revuz (1995) para identificar manifestações de autonomia (uma das formas de execução da propriedade reflexiva da linguagem) na fala infantil. Interessam a Figueira os momentos em que a criança fala sobre a sua fala ou a do outro de uma maneira familiar e natural. Também é de seu interesse as glosas metaenunciativas propostas por Authier-Revuz, tais como “como você diz”, “no sentido próprio” etc. Embora ela ressalte que a criança não utiliza estruturas desse tipo, é possível identificar momentos em que a criança põe em questão as palavras usadas, exibindo a propriedade reflexiva da linguagem. Nos exemplos trazidos pela autora, percebe-se que a criança refere-se ao próprio signo linguístico, e não ao seu referente, ou seja, utiliza o signo no seu estatuto autônomo, o que corrobora sua hipótese de que a manifestação autônoma ocorre desde muito cedo na fala infantil, pois há ocorrências em crianças de dois anos e três meses.

A partir do levantamento de pesquisas realizado (resumido aqui a um pequeno recorte), foi constatada a falta de uma explicação enunciativa para o fenômeno da metalinguagem na aquisição da linguagem. Embora o trabalho de Figueira seja

pensado a partir de uma perspectiva enunciativa, a aplicação da teoria de Authier-Revuz leva a autora a classificar os dados, o que difere do nosso propósito de fornecer não só uma descrição dos enunciados infantis, mas também uma explicação. Uma teoria enunciativa pode trazer muitas contribuições para os estudos sobre a metalinguagem, visto que ajudaria a superar o impasse entre a fala da criança e as teorias linguísticas. A Teoria da Enunciação, como proposta por Benveniste, não tem a pretensão de generalizar, visto que o seu objeto é o ato de enunciação, cada vez único, que envolve dois locutores que se marcam no discurso como sujeitos (eu - tu), em um dado tempo (agora) e espaço (aqui). Assim, acreditamos que a eleição de uma teoria enunciativa para dar conta da fala infantil pode gerar um novo olhar sobre o campo de estudos em aquisição da linguagem.

Feita a exposição de algumas perspectivas teóricas sobre a metalinguagem na aquisição da linguagem, passamos para o próximo passo, que consiste em apresentar uma leitura da obra de Benveniste que dê relevo a questões relacionadas à significação da língua. Tal leitura irá sustentar nosso entendimento posterior sobre a metalinguagem na obra do autor.

O tratamento da metalinguagem na obra de Benveniste

Não há, na obra de Benveniste, indicações claras do que o autor entende por metalinguagem. Entretanto, essa ausência não nos impede de tentar depreender, das indicações que temos na sua obra, princípios que nos ajudem a pensar a metalinguagem sob a perspectiva benvenistiana. Corrobora Flores (no prelo) ao afirmar que:

A teoria de Benveniste aceita ser lida como uma complexa rede cujos termos e noções estão interligados a partir de diferentes relações – hierárquicas, paralelas, transversais etc. – entre si. Nesse sentido, muitos dos conceitos propostos por Benveniste têm valor primitivo, na medida em que integram outros conceitos. Ou seja, os termos e as noções que fazem parte de um dado conceito contêm outros termos e noções e estes, por sua vez, estão contidos em muitos outros.

Para realizar a leitura da obra de Benveniste, decidimos seguir o caminho indicado por Authier-Revuz (1995), que traz passagens de alguns textos do autor ao tratar da questão da reflexividade das línguas naturais. Os textos selecionados foram: *Comunicação animal e linguagem humana* (1952), *A forma e o sentido na linguagem* (1966), *Semiologia da língua* (1969) e *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968). Escolhemos por fazer uma leitura cronológica desses textos, tentando acompanhar a evolução do raciocínio benvenistiano, raciocínio que

é invertido ao tratarmos dos dois últimos textos, visto que, no artigo de 1968, Benveniste nomeia uma relação que é posteriormente explicada no texto de 1969.

De maneira breve, podemos indicar as reflexões que nos interessam em cada um dos textos mencionados. No texto *Comunicação animal e linguagem humana* (1952), Benveniste trata da questão da metalinguagem, ainda que não a nomeie. Nesse caso, encontramos referência quando o autor trata de uma das propriedades fundamentais da linguagem: a de simbolização. No texto *A forma e o sentido na linguagem* (1966), Benveniste traz a questão da metalinguagem ao abordar a distinção entre dois modos de significância da língua, o semiótico e o semântico, afirmando que a faculdade metalinguística diz respeito ao modo semântico. Em *A semiologia da língua* (1969), Benveniste pensa a metalinguagem em relação aos modos semiótico e semântico, mas levanta também uma questão importante, a relação de interpretância, que tem origem na faculdade metalinguística. Neste texto também é importante a explicação que Benveniste fornece a respeito da língua como único sistema semiótico capaz de interpretar os outros e a si própria, sendo essa última característica o que sustenta a possibilidade de metalinguagem. No último texto que abordamos, *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), Benveniste evoca novamente a relação de interpretância ao destacar o papel da língua como interpretante da sociedade.

Da leitura dos textos, podemos pensar como entender a metalinguagem desde uma perspectiva enunciativa baseada na obra de Benveniste. Em primeiro lugar, podemos afirmar que a metalinguagem, ou seja, a capacidade da língua de tomar a si própria como objeto é uma propriedade fundamental das línguas naturais. O autor afirma, ao tratar da diferença entre comunicação animal e linguagem humana, que se pode “tomar consciência do que caracteriza realmente a linguagem humana” (BENVENISTE, 2005, p. 65). É uma diferença “capital” entre ambas o fato de que a linguagem humana recria a experiência da realidade e que tal recriação pode ser transmitida sem a referência à realidade. Diferentemente, a comunicação entre as abelhas diz respeito apenas à representação de uma situação objetiva através de sinais. Sendo a metalinguagem a linguagem empregada para falar de si própria, a referência, no caso da linguagem humana, é a própria língua, atualizada em discurso.

Também é importante ressaltar que a teoria da enunciação de Benveniste promove um deslocamento essencial ao propor a referência não em relação com a realidade exterior, mas sim a

referência que é criada pelo discurso no momento da enunciação. A referência diz respeito à situação de discurso. Quando se trata da metalinguagem, a referência é então a própria língua. Entretanto, para Benveniste, a língua não é senão possibilidade de língua, atualizada pela enunciação. Assim, coerentemente com o pensamento benvenistiano, em vez de metalinguagem, podemos pensar em metaenunciação, visto que é sempre uma enunciação sobre outra enunciação. O discurso enunciado passa a ser a referência do discurso atual, o que constitui, segundo nosso ponto de vista, a metaenunciação.

Em segundo lugar, devemos considerar a posição da metalinguagem no que concerne aos diferentes modos de significância da língua, o semiótico e o semântico¹. Como já dissemos, Benveniste (2006) afirma que a faculdade metalinguística diz respeito ao semântico. Podemos encontrar duas justificativas para essa ideia. Primeiramente, porque é apenas no semântico que encontramos a referência que, como vimos anteriormente, possui um estatuto particular a respeito da metalinguagem, pois a referência é a própria língua atualizada no discurso. Além disso, é apenas no semântico que vemos a língua na sua “função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo e entre o espírito e as coisas [...]”, como instrumento da descrição e do raciocínio” (BENVENISTE, 2006, p. 229). De fato, é apenas o funcionamento semântico que torna possível a integração da sociedade e a adequação ao mundo. Ou seja, é apenas no semântico que encontramos as propriedades da língua para além de um sistema de signos, tais como a questão da mediação e da integração à sociedade.

Em *A semiologia da língua* (1969), Benveniste fornece uma explicação semiológica para o fato de que a língua ocupa um lugar de destaque entre os sistemas semióticos, podendo interpretá-los e interpretar a si mesma. Benveniste nomeia os outros sistemas de interpretados, e a língua de interpretante. A relação que se estabelece entre esses sistemas é a de interpretância. Tal relação tem origem na faculdade metalinguística, ou seja, a capacidade de criar um segundo nível de enunciação, o que só é possibilitado, por sua vez, pelo modo particular de significância da língua, que conjuga o semiótico e o semântico.

O entendimento do modo semântico e da referência é de fundamental importância para nosso

¹ A divisão entre semiótico e semântico é feita apenas para fins metodológicos, pois na enunciação ambos se encontram imbricados. Visto que a enunciação é justamente “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82), encontram-se nesse ato os dois modos de significância da língua, inseparáveis. Dissemos que a metalinguagem diz respeito ao semântico, pois seu funcionamento está relacionado com a criação de referência, mas na enunciação, ambos os modos se encontram mobilizados.

estudo. O referente, excluído por Saussure na questão do signo linguístico, retorna à Linguística através de Benveniste não como referente, mas sim como referência criada no discurso através da enunciação. Nas palavras do autor,

[...] na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e para o outro, a possibilidade de co-referir identificamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Entendemos a metalinguagem, no pensamento benvenistiano, como a propriedade da língua de construir uma referência sobre si própria. Tal construção se dá através de mecanismos que denominamos “mecanismos de interpretância da língua”. Acreditamos que tal denominação está em consonância com as considerações de Benveniste (2005, 2006) a respeito da relação de interpretância, pois é através dessa relação que a língua, sistema semiótico de características únicas, é capaz de se auto-referir e interpretar a si própria. Esses mecanismos exigem que o sujeito se volte sobre a língua, tomando-a como referência e reinterpretando-a. Se Benveniste (2006, p. 84) afirma que “a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo”, podemos reformular isso afirmando que, ao mobilizar mecanismos de interpretância, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação consigo mesma.

Elaborada uma concepção enunciativa de metalinguagem, resta-nos pensar em derivações necessárias para compreender tal fenômeno na aquisição da linguagem.

Uma abordagem enunciativa da metalinguagem na aquisição da linguagem

Como relacionar o que expomos anteriormente sobre a metalinguagem ou, como denominamos, mecanismos de interpretância da língua, com a aquisição da linguagem? Novamente as considerações de Authier-Revuz (1995) são úteis, pois a sua reflexão sobre algumas ideias de Benveniste permitiram-nos pensar nas derivações que propomos aqui.

Ao tratar da não-coincidência entre as palavras e as coisas, a autora é levada a refletir sobre a relação linguagem/mundo, o que ela chama de unidade entre palavra e coisa. Authier-Revuz (1995) explica que, ao entrar ao mesmo tempo no mundo e na linguagem, ou no mundo pela linguagem, o sujeito

experimenta o caráter absoluto, de forma alguma contingente, que une as coisas e as palavras. Essa reflexão tem base em Benveniste (2005, p. 92), que afirma:

[a linguagem] é aprendida, é coextensiva à aquisição que o homem faz do mundo e da inteligência, com os quais acaba por unificar-se. Segue-se que os princípios desses símbolos e a sua sintaxe não se separam, para ele, das coisas e da experiência que delas adquire; deve tornar-se o seu senhor à medida que as descobre como realidades.

A criança, ao entrar simultaneamente na linguagem e no mundo, crê que os símbolos que designam as coisas são verdadeiramente parte delas. Tal identificação pode ser preservada para além da infância, podendo romper-se na aprendizagem de uma língua estrangeira, por exemplo. A posição do locutor é explicitada por Benveniste (2005, p. 57): “para o falante há, entre a língua e a realidade, adequação completa: o signo encobre e comanda a realidade; ele é essa realidade”.

Essa discussão remonta à questão da arbitrariedade do signo, concebido por Saussure não como união entre coisa e palavra, mas como “união entre um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 1975, p. 80), sendo o laço que une essas duas partes arbitrário, ou seja, imotivado. Isso sustenta o princípio semiológico através do qual a língua é tomada em si mesma e não em relação com a realidade exterior. A crítica que Benveniste (2005, 2006) faz a Saussure consiste em mostrar como Saussure acaba por lançar mão de um terceiro termo, o referente, no seu raciocínio. Fica claro, portanto, que a posição do linguista, ao tomar a relação língua/mundo como arbitrária, é radicalmente diferente da posição do locutor, que a toma como absoluta e natural.

A nomeação, ato de associação entre um signo – elemento do sistema – e uma coisa – elemento do mundo é o que une essas duas ordens irreduzíveis (língua e realidade). A nomeação, enquanto ato, só pode ser realizada através de um ato de enunciação. Como diz Authier-Revuz (1995, p. 517): “là où le référent n'entre pas dans la définition linguistique du signe, enfermé dans la seule relation significant/signifié, l'acte d'énonciation refait surgir le côté rejeté du 'triangle sémiotique', celui qui 'va' vers le référent”².

Entram aqui as derivações que julgamos necessárias para compreender a metalinguagem na

² “lá onde o referente não entra na definição linguística do signo, confinado na única relação significado/significante, o ato de enunciação refaz surgir o lado rejeitado do triângulo semiótico, aquele que 'vai' em direção ao referente” (tradução nossa).

aquisição da linguagem. O que propomos é que essa criação de referência relacionada ao mundo nem sempre é consensual, o que leva o locutor a negociar a nomeação, tomando então a língua como referência. Acreditamos que é justamente a isso que Benveniste alude quando se refere à atitude do locutor, ou seja, atitude não entendida como intenção, mas sim como a interpretação que o locutor faz do mundo, e é por vezes levado a fazer do seu discurso. Entram em jogo o reconhecimento e a compreensão de que Benveniste (2006, p. 66) fala a respeito dos modos de significância: “o semiótico (signo) deve ser reconhecido; o semântico (o discurso) deve ser compreendido”. Em alguns casos, não há reconhecimento da forma utilizada, o que leva à incompreensão e à tentativa posterior de reformulação. Em outros casos, há reconhecimento, mas não há compreensão, o que acarreta reformulações em uma tentativa de ajustar o sentido. Ou seja, o retorno acontece a partir de um estranhamento do locutor no reconhecimento e compreensão da palavra na frase.

Assim, considerando-se que a criança entra simultaneamente no mundo e na linguagem, interessam-nos os momentos de nomeação do mundo realizados pela criança, momento em que ela se depara com a falta de reconhecimento e compreensão da palavra na frase, com o não-entendimento da sua palavra por parte do outro ou com o seu não-entendimento da palavra do outro. Mais do que a referência em relação ao mundo, está em jogo a referência à própria língua como condição de atualização da referência no discurso. Compete-nos identificar e descrever os modos pelos quais a criança engendra os mecanismos de interpretância em seu discurso, através da análise que trazemos a seguir.

Metodologia e análise

Após concluirmos as questões teóricas, passamos para o tratamento de questões metodológicas. Em primeiro lugar, faremos considerações a respeito dos dados coletados, dando relevo às etapas de coleta e transcrição dos mesmos. Posteriormente, trataremos de questões relacionadas à análise. Os dados que utilizamos em nosso estudo são provenientes do corpus montado por Silva (2009), constituído por 35 sessões de filmagem, de 40 a 60 min. cada, que contemplam o período dos 11 meses aos 3 anos e 4 meses de idade de uma criança brasileira, exposta exclusivamente ao português como língua materna. O tipo de coleta empregado foi longitudinal, em situações de interação entre familiares.

A metodologia enunciativa proposta pela autora elege a intersubjetividade como princípio, visto que as atividades discursivas da criança estão relacionadas às relações intersubjetivas com o outro. O relevado à intersubjetividade implica a adoção de uma metodologia naturalista e uma coleta longitudinal, pois se acredita que registrar a criança em situações familiares de interação possibilite uma maior naturalidade dos dados (SILVA, 2009). Embora os dados assim coletados não possam ser considerados totalmente naturais, visto que os adultos em interação com a criança sabiam ser a linguagem um elemento de pesquisa, eles certamente não foram criados em situações artificiais. Outro argumento a favor da coleta longitudinal é proposto pela autora (SILVA, 2009) ao defender que os dados de aquisição devem ser considerados em um quadro de singularidade, envolvendo a relação do sujeito com o outro e com a língua, visto que uma perspectiva enunciativa em aquisição da linguagem considera o uso da língua sempre único.

A transcrição, na perspectiva enunciativa em aquisição da linguagem proposta por Silva (2009), é entendida como um novo ato de enunciação a partir da enunciação anterior. Como ato enunciativo que é, a transcrição carrega consigo todos os elementos de uma enunciação. Além disso, ao instanciar a subjetividade constitutiva de todo ato enunciativo, a transcrição é uma interpretação da enunciação anterior. Assim como não podemos apreender uma enunciação completamente, ficando apenas com as suas marcas no enunciado, a transcrição não dá conta de tudo da enunciação anterior, algo sempre resta.

Em relação à análise dos dados, Silva (2009, p. 214) ressalta que, em razão da natureza enunciativa do constructo teórico, “a análise dos dados é necessariamente qualitativa, não prevendo a homogeneização e a generalização dos usos linguísticos da criança, visto que os elementos de enunciação (tempo, espaço e sujeitos) determinam as escolhas linguísticas”. A autora (SILVA, 2009, p. 216), com base em Flores e Teixeira (2005), argumenta que “diferentes fenômenos linguísticos e de qualquer nível (sintático, morfológico, etc.) podem ser abordados por uma visão enunciativa”. Por isso, não há nenhum fenômeno linguístico escolhido *a priori*, pois considera-se que “qualquer mecanismo da língua pode adquirir um sentido particular e se auto-referenciar no uso” (SILVA, 2009, p. 216).

Cabe um esclarecimento em relação aos dados. O dado não se identifica ao fenômeno, é apenas um recorte deste. Além disso, em estudos enunciativos

que se preocupam com a questão do dado, encontramos a afirmação de que “o *dado* não é jamais ‘dado’” (FLORES et al., 2008, p. 40, grifos dos autores), visto que a observação já é um início de descrição e que esta diz respeito ao “nível da construção de mecanismos internos de tratamento do dado” (FLORES et al., 2008, p. 41). Aí temos a passagem do dado para o fato, que pode ser definido como “todo fenômeno que servir para explicitar a maneira pela qual o sujeito se marca naquilo que diz” (FLORES et al., 2008, p. 41). Assim, utilizamos o *corpus* de *dados* transcritos por Silva (2009), mas recortamos os *fatos* de maneira diferente, visto que nosso estudo diz respeito a um aspecto linguístico específico. Fato é uma construção do analista, desde um ponto de vista específico forjado, por sua vez, a partir da teoria eleita para guiar o estudo.

A unidade de análise de nosso estudo é a palavra na frase. Justifiquemos nossa escolha. Se consideramos que nossa proposta de metalinguagem na teoria benvenistiana postula que esse fenômeno está relacionado ao nível semântico³ (pelos motivos explicitados anteriormente), logo devemos considerar que a unidade do nosso estudo é a própria unidade da dimensão semântica de significância da língua: a palavra. Benveniste (2006, p. 230) define que a unidade semântica é a palavra, ao contrário da unidade semiótica, que é o signo. Essa mudança terminológica tem sérias implicações. Falar de signo é pensar na língua como sistema, no qual o signo é definido pelas relações com outros signos. Falar de palavra diz respeito à língua como discurso, empregada para expressar uma determinada relação com o mundo. Trazendo consigo o referente, o signo passa a ser palavra. Nas palavras do autor (BENVENISTE, 2006, p. 233):

[...] ora, as palavras, instrumentos da expressão semântica, são materialmente os signos do repertório semiótico. Mas estes signos, em si mesmos conceptuais, genéricos, não-circunstanciais, devem ser utilizados como “palavras” para noções sempre particulares, específicas, circunstanciais, nas acepções contingentes do discurso.

A razão para que as palavras sejam sempre particulares, específicas e circunstanciais deve-se ao fato de que, se a unidade semântica é a palavra, a expressão semântica é a frase. Sendo a referência da frase, ou seja, o estado de coisas que a provoca, sempre única, decorre que “a frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no

instante em que é proferida e se apaga neste instante, é um acontecimento que desaparece” (BENVENISTE, 2006, p. 231). Assim, definimos como unidade de análise a palavra na frase porque é somente na frase, expressão semântica por excelência, que a palavra pode ser empregada.

Além da unidade, cabe-nos definir os operadores que podem intervir na análise dos fatos, que estão separados em relação ao discurso, ao ato e a ambos. Em relação ao discurso, temos a questão dos níveis de análise, com as operações de constituição/integração, que ganham relevo na fala da criança e a relação forma/sentido, intimamente relacionada com as operações de constituição/integração, pois a criança, partindo do sentido, tenta estabelecer a forma através de tais operações. Em relação ao ato, temos a referência e a intersubjetividade⁴, relacionadas na medida em que a intersubjetividade é o que permite a expressão da experiência humana através da linguagem e a criação de referência possibilita a passagem da referência mostrada⁵ à referência constituída no discurso. Transversal ao ato e ao discurso, propomos a interpretância, mecanismo que assegura que a própria língua, atualizada em discurso, seja tomada como referência.

Nas pesquisas em Enunciação, o lugar do locutor e de *eu* nas estruturas enunciativas é ocupado pelo locutor. No entanto, uma perspectiva enunciativa de aquisição da linguagem parte da suposição de que o *eu* é sempre a criança. Nesse caso, é ela que é tomada como ponto de referência.

Trazemos aqui a análise de alguns recortes enunciativos a fim de ilustrar os modos pelos quais a criança emprega os mecanismos de interpretância.

Recorte enunciativo 1

Nomeamos esse modo de realização como “tentativa de estabelecer referência”, pois através dele a criança tenta estabelecer a referência de uma enunciação não compreendida, retornando sobre o dizer do outro. Ao não compreender a palavra na frase do outro, a criança possivelmente tenta reconhecer no seu sistema de língua e, não reconhecendo a forma, faz uma pergunta (“o quê?”), que interpretamos como um pedido de esclarecimento para o seu alocutário.

³ Como dissemos anteriormente, essa distinção entre semiótico e semântico serve para fins metodológicos. Benveniste parece dissolvê-la em *O aparelho formal da enunciação* (1970), pois, quando se mobiliza o aparelho formal da língua para enunciar, ambos os modos se fazem presentes.

⁴ De acordo com Flores et al. (2009, p. 70), intersubjetividade, na obra de Benveniste, significa “condição da experiência humana inerente à linguagem”. É justamente essa propriedade que torna possível a reflexão da experiência humana na linguagem, permitindo assim a comunicação.

⁵ Termo proposto por Silva (2009) para explicar o fato de que a criança, inicialmente, depende da presença do objeto para se referir ao mesmo, apontando-o. A passagem à referência constituída no discurso mostra que a criança não precisa mais da presença do objeto para poder referir-se a ele.

Sessão 23

Participantes: CAR (tia, filmando), AVÓ, FRA (criança)
 Data da entrevista: 28/03/2003
 Idade da criança: 2;05.23
 Situação: FRA está em casa de sua AVÓ, conversando com CAR e AVÓ.

Com: CAR sai, vai até o armazém, compra pirulito e volta.
 CAR: adivinha o que qui a tia trouxe? O que qui a tia trouxe pra Queca lá do armazém?
 FRA: o quê?
 CAR: adivinha o que qui a tia trouxe?
 FRA: ah?
 CAR: é
 FRA: pu que, quem é toxi?
 CAR: ah?
 FRA: quem é toxi?
 CAR: eu trouxe
 FRA: dexe eu vê tão
 CAR: [=risos] adivinha
 FRA: dexe eu vê vinha
 CAR: [=risos]
 FRA: XXX
 CAR: ah?
 FRA: dexe eu vê vinha tia
 AVÓ: adivinha é o negósiu qui ela pensa que é o nomi
 CAR: ah tá @ o que qui a tia trouxe?
 FRA: avinha
 CAR: [=risos] @ não não é adivinha @ o que qui a tia trouxe?
 Pensa um pouquinho
 FRA: quem é a tia trouxe?
 CAR: não sei, o que qui tu acha?
 FRA: não sei
 CAR: não sabi?
 FRA: [=responde negativamente com a cabeça]
 CAR: hum
 Com: CAR entrega um pirulito para FRA, que o chupa.

Acreditamos que a criança não faz essa pergunta se referindo ao objeto trazido pela tia, pois se fizesse essa pergunta com esse sentido, poderia ser capaz de responder à pergunta solicitando que a tia mostrasse o objeto. A reformulação é realizada pelo alocutário (*“adivinha o que qui a tia trouxe?”*), entretanto a criança ainda não conseguiu estabelecer referência, o que é evidenciado pela pergunta *“pu que, quem é toxi?”*. Aqui a criança faz uma operação de constituição/integração da palavra na frase, ao tentar recortar, do discurso do alocutário, a forma aparentemente sem sentido sobre o qual ela se volta. Através dessa operação, a criança dissocia a forma da frase do outro e formula uma questão, produzindo nova frase, com a integração da palavra *“troxi”*. Nessa operação de dissociação da palavra do discurso do outro e integração ao seu, a criança busca associar forma/sentido a fim de estabelecer referência no discurso.

Outra possibilidade é que a criança esteja perguntando a respeito da pessoa que trouxe o objeto; parece ser esta a interpretação da tia ao ouvir pela segunda vez a pergunta (*“quem é toxi?”*) e responder

dizendo que havia sido ela mesma (*“eu trouxe”*). Ao pedido da sobrinha para ver o objeto (*“dexe eu vê tão”*), a tia novamente utiliza um elemento do primeiro enunciado, *“adivinha”*, que parece causar confusão na criança, que entende esse recorte como o nome do objeto em questão (*“dexe eu vê vinha”*), novamente realizando uma operação de constituição/integração, ou seja, dissociando a forma do discurso do outro para integrá-la no seu. A criança, percebendo que essa tentativa de estabelecimento de referência não funcionou, volta para sua hipótese anterior, dizendo *“quem é a tia trouxe?”*.

A insistência da criança em perguntar *“quem é a tia trouxe?”*, *“quem é toxi?”* parece indicar que a criança toma o fragmento *“trouxi”* como o nome de alguém, observado em sua pergunta: *“quem é toxi?”* a partir da primeira fala do alocutário (*“O que qui a tia trouxe pra Queca lá do armazém”*). Já a forma *“adivinha”* parece ser tomada como um objeto (*“dexe eu vê vinha”*). Nesse recorte, a criança toma duas palavras (*“trouxi”* e *“adivinha”*) como se fossem nomes referentes a uma pessoa e objeto, e não como verbos.

Recorte enunciativo 2

Sessão 20

Participantes: CAR (tia, filmando); JUL (prima); AVÓ; MÃE; PAI; RON (tio) e EDU (irmão), FRA (criança)
 Data da entrevista: 05/01/2003
 Idade da criança: 2;3.00
 Situação: FRA está na casa de sua AVÓ, brincando com sua prima JUL e com CAR

Com: FRA e CAR conversam sobre presentes de Natal
 CAR: hum! O que qui o Papai Él troxi?
 FRA: pesenti
 CAR: pesenti? O que qui ele troxi?
 FRA: pesenti [= apontando a porta]
 CAR: ah aquilu ali o que qui ele troxi pra Queca?
 FRA: troxi pesenti a mim
 CAR: o que qui ele troxi pra ti?
 FRA: pesenti
 CAR: boneca?
 FRA: é
 CAR: ropinha?
 FRA: é
 CAR: que mais?
 FRA: e [= pensando]
 CAR: mesinha com panelinha
 FRA: elinha, mesinha
 CAR: hum

Diferentemente do recorte anterior, em que a criança precisa estabelecer a referência a partir do dizer do alocutário, nesse recorte temos o alocutário tentando especificar a referência a partir do dizer da criança. Para FRA, basta indicar que o papai Noel trouxe *“pesenti”* (baseada, talvez, nas formulações correntes do tipo *“papai Noel traz presentes”*, sem especificar quais). A criança toma *“pesenti”* como o

conjunto do que o papai Noel trouxe, ao passo que o alocutário entende a mesma referência como passível de especificação. Entretanto, o alocutário toma “*presenti*” como uma palavra hiperônima, tentando afunilar o seu sentido para itens específicos, muito embora a criança parece não ver a necessidade de especificação, tanto que não dá continuidade às tentativas do alocutário de mencionar os objetos específicos. De forma esquemática, podemos dizer que o alocutário faz o movimento contrário ao da criança:

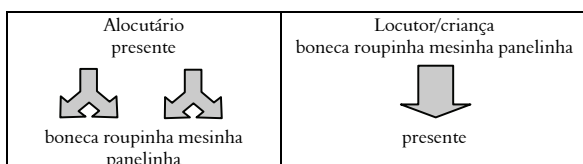


Figura 1. Movimentos do alocutário e da criança em relação à palavra.

Embora haja uma discrepância entre os sentidos mobilizados por cada locutor, não há maiores impedimentos para o estabelecimento da referência, especialmente por parte da criança. Podemos denominar esse modo como “estabelecimento de referência”, através de operações de repetição do seu próprio dizer.

Recorte enunciativo 3

Sessão 19b

Participantes: CAR (tia, filmando); PAI; FRA; MÃE e EDU (irmão de 7 anos)

Data da entrevista: 16/12/2002

Idade da criança: 2;2.11

Situação: FRA está em sua casa, conversando com CAR. Depois, vai arrancar capim no pátio com o PAI, com a MÃE e EDU. Após vai para a frente da casa brincar com uma boneca.

Com: FRA está na frente da sua casa com CAR e EDU, olhando o papai Noel na sacada de um prédio.

CAR: Papai Él foi embora?

FRA: foi

CAR: qui coisa séria o Papai Él saiu da janela

FRA: ele pulô

CAR: hum ele pulô. Dudu disse qui ele pulô @ será qui ele não caiu?

FRA: seá caiu Papai Él? Não sei será caiu?

CAR: é, não caiu?

FRA: não

CAR: não?

Com: silêncio

FRA: seá caiu lá seá caiu seá caiu XXX lá ó uô uô tia uô

CAR: caiu

FRA: não, puô

CAR: ah ele pulô

FRA: é

CAR: hum ah ele que pulô, pra ondi qui ele foi então?

FRA: puôô

CAR: ele puô

FRA: é

CAR: e foi pra ondi pra ondi ele foi?

EDU: ele foi levá os presenti

Neste recorte, podemos observar que o estabelecimento da referência é feito pela criança, ao dizer “*ele pulô*”. Embora essa referência seja momentaneamente posta em questão (“*seá caiu lá seá caiu seá caiu*”), a criança retoma seu dizer, insistindo na sua forma de nomeação como adequada (“*uô uô tia uô*”, “*não, puô*”), até que o seu alocutário também concorde com a forma proposta (“*ah ele pulô*”). Nesse caso, há reconhecimento e compreensão da palavra na frase, mas há discordância em relação à adequação da mesma.

Podemos chamar esse modo de “estabelecimento de referência”, mantida através da insistência no próprio dizer, marcando a diferença de sentido entre sua fala e a fala do outro.

Mecanismo de interpretância da língua: reformulações			
	Recorte 1	Recorte 2	Recorte 3
Modo	tentativa de estabelecer referência	estabelecimento de referência	estabelecimento de referência
Operação	constituição/integração	repetição	insistência no próprio dizer

Figura 2. Síntese das relações entre mecanismos, modos e operações.

Consideração finais

Todos os modos de realização dos mecanismos de interpretância que observamos dizem respeito ao estabelecimento de referência. O estabelecimento dos modos foi uma tentativa, com propósitos metodológicos, de “organizar” a fala da criança, tantas vezes insólita e quase incompreensível. Em relação ao trabalho de Silva (2009), acreditamos que esses fatos dizem respeito ao que a autora denomina de “segundo mecanismo enunciativo”, cuja macro-operação é a referência, onde ocorre a passagem de uma referência mostrada a uma referência constituída na língua-discurso. Também é nesse mecanismo que se dá a semantização da língua, com a criança estabelecendo uma relação entre mundo e discurso e marcando a sua entrada no simbólico da língua, ao representar os referentes do mundo por palavras no discurso. Como dissemos anteriormente, a criação de referência nem sempre ocorre de forma consensual entre os interlocutores, fazendo com que se crie referência sobre a própria língua.

Como Silva (2009) explica, não se pode pensar em termos de desenvolvimento ou de fases ao concebermos a inscrição da criança como sujeito na língua. Assim também defendemos que existe uma anterioridade lógica entre dados que mostram o estabelecimento de referência por meio de operações de constituição/integração para o estabelecimento de referência por meio de repetição ou insistência no seu dizer. É apenas porque a criança consegue ajustar a relação forma/sentido, através da operação

de constituição/integração, que ela pode estabelecer uma referência, passível de ser questionada e restabelecida no diálogo com o outro.

Podemos então constatar que, por ser uma propriedade da língua, a metalinguagem pode fazer-se presente, através dos mecanismos de interpretação, a partir do preenchimento da estrutura enunciativa pela criança. Sendo a metalinguagem uma propriedade da língua, podemos postular que, uma vez que a criança entra na língua, é universal que ela possa se manifestar no discurso da criança, mas é absolutamente singular a forma através da qual ela pode aparecer. Na perspectiva que propomos, não acreditamos que se possa definir uma ordem de surgimento de tais mecanismos. O que procuramos fazer foi mostrar os modos através dos quais a criança em questão emprega tais mecanismos. Outros *corpora* poderiam indicar diferentes modos e operações, e novos estudos sobre o assunto podem contribuir para os dois campos envolvidos.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. **Ces mots qui ne vont pas de soi**: boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Paris: Larousse, 1995.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 2006.
- CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Arménio Amado, 1975.
- FIGUEIRA, R. A. La propriété réflexive du langage dans le parler d'enfant: quelques manifestations du fait autonymique dans l'acquisition du langage. In: AUTHIER-REVUZ, J.; DOURY, M.; REBOULTOURÉ, S. (Org.). **Parler des mots**: le fait autonymique en discours. Paris: Presses de La Sorbonne Nouvelle, 2003. p. 193-204.
- FLORES, V. N. Sujet de l'énonciation et ébauche d'une réflexion sur la singularité énonciative. In: NORMAND, C. (Org.). **Paralleles floues**: vers une théorie de l'activité de langage. (no prelo).
- FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLORES, V. N.; LICHTENBERG, S., SILVA, S., WEIGERT, T. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, V. N.; BARBISAN, L.; TEIXEIRA, M.; FINATTO, M. J. B. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.
- KARMILOFF-SMITH, A. From metaprocesses to conscious access: evidence from children's metalinguistic and repair data. **Cognition**, v. 23, n. 2, p. 95-147, 1986.
- KARMILOFF-SMITH, A. Auto-organização e mudança cognitiva. **Substratum**: temas fundamentais em psicologia e educação, v. 1, n. 3, p. 23-55, 1998.
- LEMO, C. T. G. **Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling17.htm>>. Acesso em: 14 set. 2009.
- LIER-DEVITTO, M. F.; FONSECA, S. C. Reformulação ou ressignificação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 27, n. 33, p. 51-60, 1997.
- PRATT, C.; GRIEVE, R. The development of metalinguistic awareness: an introduction. In: TUNMER, W. E.; PRATT, C.; HERRIMAN, M. L. (Org.). **Metalinguistic awareness in children**: theory, research and implications. Berlin: Springer-Verlag, 1984. p. 2-11.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SILVA, C. L. C. **A criança na linguagem**: enunciação e aquisição. Campinas: Pontes, 2009.
- TUNMER, W. E.; HERRIMAN, M. L. The development of metalinguistic awareness: a conceptual overview. In: TUNMER, W. E.; PRATT, C.; HERRIMAN, M. L. (Org.). **Metalinguistic awareness in children**: theory, research and implications. Berlin: Springer-Verlag, 1984. p. 12-35.
- VAN KLEECK, A. Piaget and metalinguistics: a developmental overview. In: ANNUAL MEETING OF THE INTERNATIONAL INTERDISCIPLINARY UAP-USC. Conference on Piagetian Theory and the Helping Professions. 1980, Los Angeles. **Paper...** Los Angeles, 1980. Disponível em: <<http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED181441.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

Received on May 18, 2011.

Accepted on July 28, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.